O PROGRAMA DIDÁCTICO E MORAL DE JOÃO DE BARROS: FONTES LITERÁRIAS NAS PUBLICAÇÕES DE 1539/40

Celeste Pedro

Introdução

A primeira obra impressa de João de Barros é a *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal desçendem*, em 1522, por Germão Galhardo, em Lisboa. Nesse ano, casa com D. Maria de Almeida e, em pouco tempo, é-lhe confiada a Capitania da Mina, passando, três anos depois, a ser Tesoureiro da Casa da Índia, Mina e Ceuta (1525). João de Barros retira-se para a sua propriedade (a quinta de São Lourenço da Ribeira de Litém, em Pombal) em 1528, dedicando-se à sua gestão[1]. Em 1530, ocorre um surto de peste e, em 1531, um terramoto em Lisboa, eventos que atrasarão o seu regresso à cidade. É durante este período que publica a *Ropicapnefma* (1532), e prepara todo o conjunto de carácter pedagógico (não só os quatro livros tratados aqui, mas também uma gramática latina manuscrita, a *Grammatices rudimenta* (1538?), dedicada à Infanta D. Maria (repleta de diagramas ilustrados, mas infelizmente incompleta), e ainda, diz o próprio, as quatro *Décadas da Ásia*: «[...] ao presente ano de 1539, onde acabámos de cerrar o número de quarenta livros, que compõem quatro Décadas, que quisemos tirar à luz, por mostra de nosso trabalho.»[2]

Foi uma década de intensa produção literária, em que a proximidade ao ambiente familiar poderá ter influenciado a criação das suas obras didácticas e morais. João de Barros teve dez filhos[3]; por volta de 1540, os

[1] [Documentos referentes ao Morgado de Leiria, administrado por Isidro de Almeida Sousa Sá e Lencastre, entre os quais, muitos relativos ao cronista João De Barros e seus descendentes familiares] http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/2220063, http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/2219355 e http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/2219406.

[2] No prefácio de: João de Barros, *Livro Primeiro da Primeira Década*, que sairá só em 1552, mais de dez anos depois de ter sido escrita, por Germão Galhado. João de Barros deixou três Décadas impressas, e um manuscrito que seria editado já postumamente, por Diogo de Couto, em 1602.

[3] João Silva de Sousa: «Casou com D. Maria de Almeida, de Leiria, e teve dela cinco rapazes e cinco raparigas: Jerónimo, António, João, Diogo e Lopo de Barros; e Maria de Almeida e Isabel de Almeida que casou com um homónimo do irmão, Lopo de Barros, e Catarina de Barros, - mulher de Cristóvão de Melo, filho de Diogo de Melo da Silva, vedor da rainha D. Catarina -, e Ana de Barros, além de uma última cujo nome se desconhece.» https://triplov.pt/letras/Joao_Sousa/joao_de_barros/. Para mais informação, ver por exemplo: Borges, A. (1992) *Tudo é Mercadoria*. Lisbon: Editorial Caminho).

interlocutores dos seus diálogos, António e Catarina, seriam já adolescentes. Pensados para diferentes etapas do desenvolvimento infantil[4], estes livros terão passado a prova da sua utilidade pelas mãos da sua prole, e não só:

> Catarina: E aquelas três figuras donde ela nasce, que se chamam *Fides, Spes, Caritas*, não são elas as virtudes teologais? Porque na cartinha que compôs, por onde meus irmãos e eu aprendemos a ler, me lembra estarem estas três virtudes com as quatro que estão abaixo delas, a que chamava cardeais.[5]
>
> [Pai] Por que essas per que ambos estudais ainda são defeituosas e não tão compassadas como convém a coisa que há de ser apresentada ante a infante nossa senhora.[6]
>
> Ao distinto e famoso varão João de Barros envia muitas saudações Aquiles Estaço (…). Vejo-te não apenas como aquele que incentivou a escolha dos estudos literários a que me dedico, mas também como responsável por toda a minha formação no que tange aos bons costumes e ao sentimento do dever. Na verdade, curando tu da educação de teus filhos em casa e sua instrução nas belas letras, vim eu para a tua companhia para ser ensinado — era teu hóspede e uma criança na idade — e bem me recordo que, enquanto vivi no teu lar entregue ao estudo, essa minha educação inicial foi objecto dos teus mais extremosos cuidados.[7]

O valor pedagógico destes quatro livros tem sido atestado por diversos investigadores[8], que os consideram pioneiros no uso de ferramentas

[4] Em: João de Barros. *Hum Dialogo da viçiosa vergonha*. Olyssipone, apud Lodouicum Rotorigiu[m], 1540: «Porque depois que os meninos saem das letras, que é o leite de sua criação, começam a militar em costumes para que lhe convêm armas convenientes aos vícios naturais de sua idade.»

[5] Em: João de Barros, *Dialogo de preceitos moraes co[m] prática delles, em módo de iogo*. Lisboa, per Luis Rodriguez, liureiro delrey nósso senhor, 1540. – [26] f.; 4. (20 cm). Biblioteca Nacional de Portugal: exemplar digitalizado: res-5658-3-p – http://purl.pt/12149. (sublinhado da autora). Ficção, ou não, esta passagem alude à educação dos filhos e filhas de João de Barros, também através de recursos criados pelo pai, desta forma testados antes de irem para impressão.

[6] *Idem.* Mais uma vez, a explicação de João de Barros sobre as peças do jogo, inclui a menção não só a que este livro é mais do que um jogo: é um instrumento de estudo, mas também a que os filhos teriam usado uma versão do jogo imperfeita (chamaríamos hoje de protótipo), cuja versão final, dedicada à Infanta D. Maria, era agora publicada.

[7] Tradução do latim de: Ramalho, Américo da Costa (1980) *Estudos sobre o Século XVI*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Col. Humanismo Clássico e Humanismo Moderno, nº 1, p. 304. (sublinhado da autora).

[8] Ver por exemplo: Fernandes, G. (2005). João de Barros (1496–1562?), um pedagogo precursor de Iohannis Amos Comenius (1592–1670). *Actas V Congresso SEHL*, pp. 381–

mnemónicas, nomeadamente quando João de Barros usa o jogo e a imagem como artifícios retóricos. Apesar da sua originalidade, estes livros foram delineados com base numa extensa bibliografia que o autor faz questão de enumerar frequentemente e em diferentes circunstâncias. Este artigo centra-se na identificação de autores e obras que poderiam ter pertencido à sua biblioteca privada, com base nestas enumerações.

A impressão dos volumes

A *Cartinha*[9]*,* o primeiro livro deste conjunto a ser impresso, sai com o título de *Gramática portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*, com uma portada[10] que apresenta uma grande gravura original[11] de um mestre sentado a receber os alunos mais velhos, que se alinham à espera da sua vez para mostrar os seus cadernos, enquanto outros, mais novos, estão espalhados pelo espaço, em brincadeiras próprias da sua idade. Toda esta cena se passa dentro de uma estrutura arquitectónica clássica, encimada por um friso com *putis* e uma placa onde se lê: «*Libros lege*». No horizonte, estão filas de alunos esperando a sua vez de entrar no edifício (sala de aula). É na *Cartinha* que aparece o índice geral, indicando claramente que as três obras deviam fazer parte do mesmo volume, como reitera João de Barros no prefácio do *Diálogo da Viciosa Vergonha*:

> No prólogo da Cartinha e Gramática da nossa linguagem, que dirigimos ao príncipe nosso senhor, prometemos um Diálogo da viciosa vergonha, por ser matéria conveniente à idade dos meninos, em cujo proveito as outras partes se ordenaram. Agora que chegamos a ele, parece-me que a necessidade pede darmos aqui razão do seu fundamento: por que o

395.; Friedlein, R. (2007). L'atzar en la Fílosofia moral. Un joc de tauler lul.lista de João de Barros: Diálogo sobre Preceitos Morais (1540). *Studia Lulliana*, (47), pp. 117–139.; Borralho, Maria Luísa (2011). Em modo de jogo. *E-F@bulações*, pp. 41-55.

[9] João de Barros, *Cartinha com os preceitos e mandamentos da santa madre igreja*. Em casa de Luis Rodriguez, 1539/40. Biblioteca Nacional Brasil: Loc. Original C,003,026 – Obras Raras / Objecto digital: or814512 – http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or814512/or814512.pdf

[10] Que seria a geral, talvez única se tivessem sido impressos e encadernados juntos. O *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, que sucede as regras ortográficas da *Gramátia*, não tem portada.

[11] Apesar da imagem do «*magister*» com os seus «*discipulus*» ser comum na arte pré-moderna, não consegui identificar até ao momento nenhuma imagem/gravura suficientemente semelhante a esta naquelas décadas.

impressor, pelo que lhe tocava, como a Cartinha foi impressa, procurou proveito della sem olhar à nossa ordem.[12]

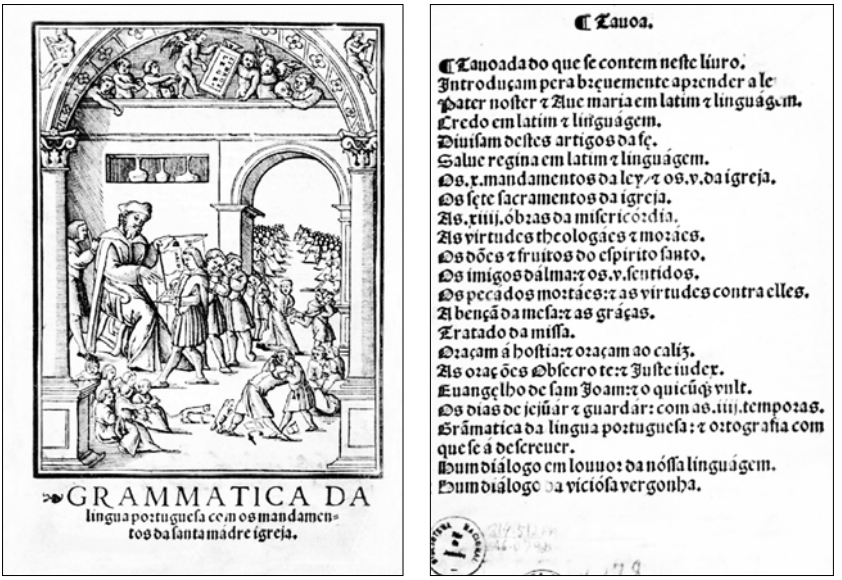


Figura 1. Frontespício (à esquerda) e índice (à direita) da *Cartinha* de João de Barros, 1539 (Lisboa).

Maioritariamente em caracteres góticos (sendo os itálicos reservados ao prefácio e ao cólofon, e as maiúsculas romanas aos títulos), a *Cartinha* é composta por 3 cadernos de oito folhas, assinados A, B e C, Cii, Ciii, Ciiii, mais meio caderno no final (terminando no folio 56v, com a marca do impressor); inclui: 16 capitulares ilustradas, 12 gravuras de carácter religioso de diferentes tamanhos, 26 gravuras para as letras do alfabeto ilustrado, um diagrama circular (rotae) para combinar letras e formar sílabas, e muitas gravuras de apoio diagramático (ramificações; ver imagens a seguir).

[12] Aqui, João de Barros justifica as discrepâncias de impressão (que o leitor notaria ao ler o índice e os paratextos dos livros anteriores), e adianta claramente que se trata de um programa educativo, com uma sequência clara e uma idade própria, e que a educação das crianças e jovens inclui as letras, a fé e moral. (transcrição modernizada e sublinhado da autora).

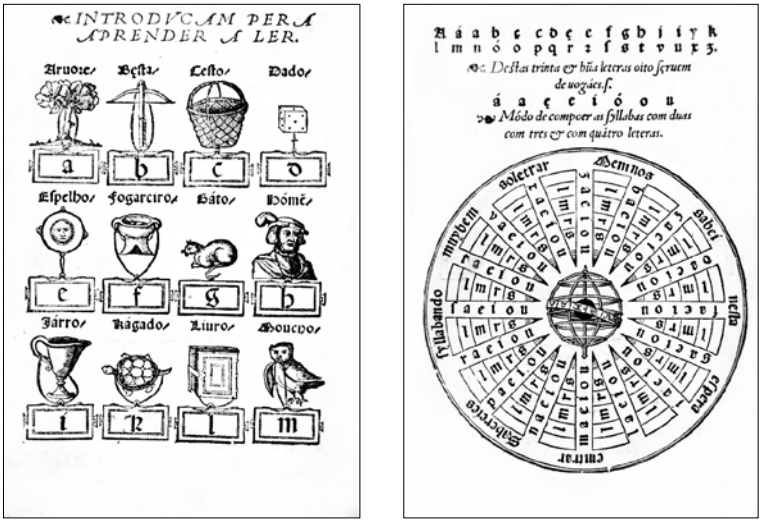


Figura 2. Esquerda: gravuras para ilustrar as letras do alfabeto. Direita: diagrama circular para compor sílabas.

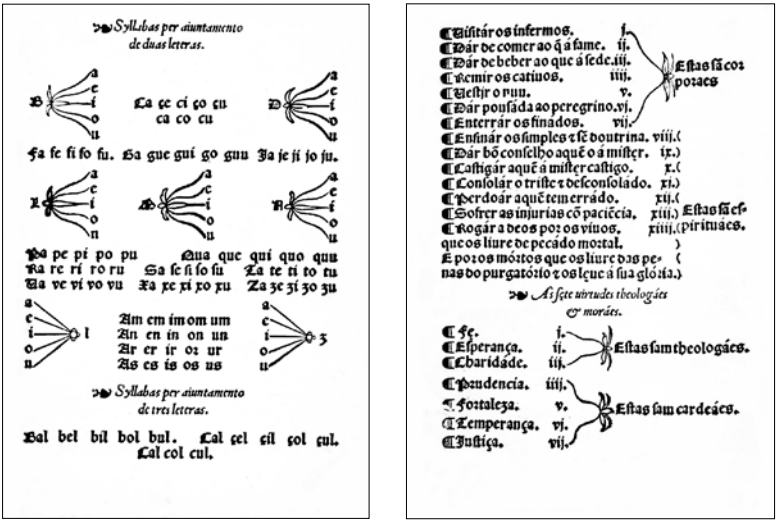


Figura 3. Esquerda: «Syllabas per aiuntamento de duas letras» e de três letras. Direita: As obras da misericórdia e as sete virtudes. De notar, à esquerda, que quando as combinações são numerosas ou o espaço é curto, o impressor opta por não usar uma gravura das ramificações, que ocuparia muito espaço.

Quando sai o segundo livro, a *Gramática*[13] propriamente dita, Luís Rodrigues muda a portada e os tipos usados, que passam a ser maioritariamente itálicos, que se mantêm depois no *Diálogo da Viciosa vergonha*[14].

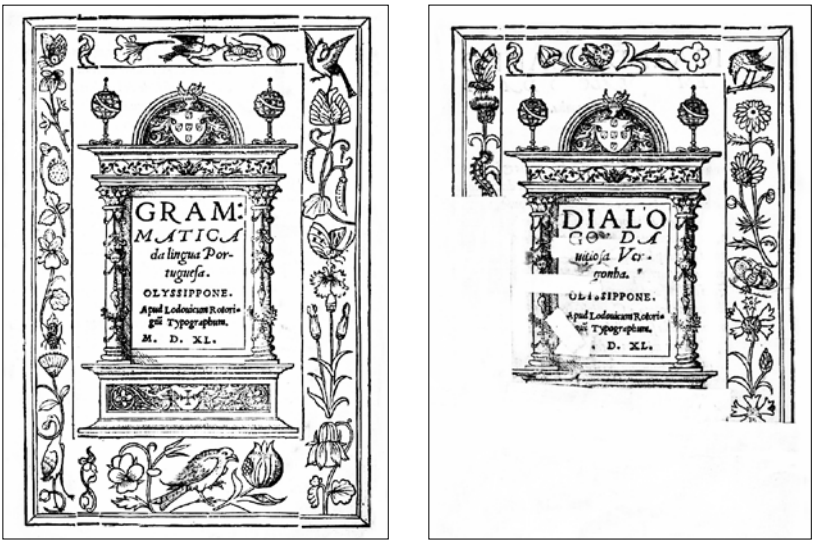


Figura 4. Frontespícios da *Gramática* (à esquerda) e do *Diálogo da Viciosa Vergonha* (à direita), de João de Barros, por Luís Rodrigues, 1540 (Lisboa), com cercaduras provenientes da oficina de Geoffroy Tory.

Já praticamente sem gravuras, a *Gramática* e o *Diálogo* seguem uma grelha igual, de 25 linhas, em itálico, no tamanho mais comum à época, a Pica (12 pt, ≈4.233 mm), em 4º (20 cm): a *Gramática* com as assinaturas a-g//8, h//4 e o *Diálogo*, A-C//8, D//6. No caso do *Diálogo de preceitos morais*, a edição de 1540 é do mesmo formato, com as assinaturas aa--bb//8, cc//10, o mesmo itálico, mas a portada já é outra[15], de um estilo

[13] João de Barros, *Grammatica da lingua portuguesa* (com o *Diálogo em louvor da nossa linguagem*). Olyssipone, apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. – 60 f.; 4. Biblioteca Nacional de Portugal: exemplar digitalizado: res-5658-1-p – http://purl.pt/12148.

[14] João de Barros. *Dialogo da viçiosa vergonha*. Olyssipone, apud Lodouicum Rotorigiu[m], 1540. – 29, [1] f.; 4º. Biblioteca Nacional de Portugal: exemplar digitalizado: res-5658- 2-p – http://purl.pt/12147. Sendo tão diferentes da *Cartinha*, suponho que, estando o mal feito, terá sido tomada a decisão de seguir uma composição gráfica diferente para os livros seguintes (incluíndo o *Diálogo de Preceitos Morais*)

[15] Já usada, por exemplo, para imprimir a *Panagyrica oratio* de António Luís (1539).

diferente, e o autor volta a apostar no uso de gravuras, criando um livro muito diferente do habitual. O *Diálogo de preceitos morais* contém um jogo que inclui um tabuleiro composto por três círculos e um ponteiro, que deve ser recortado do livro e montado, bem como peças para jogar e as respectivas regras. Tal como a *Cartinha*, este último diálogo demonstra uma inovação pedagógica assinalável, recorrendo à retórica visual e ao jogo como instrumentos de aprendizagem[16].



Figura 5. Frontespícios do *Diálogo de Preceitos Morais* de João de Barros, de 1540 (à esquerda) e de 1563 (à direita), por Luís Rodrigues e João de Barreira, respectivamente (Lisboa).

As quatro obras didácticas de João de Barros foram impressas por Luís Rodrigues, editor e livreiro do Rei, referência na história da imprensa em Portugal, de quem subsistem documentos preciosos para a compreensão do ofício naqueles tempos[17]. Nos anos de 1539/40, Luís Rodrigues deu à estampa mais de duas dezenas de obras, entre as quais este conjunto[18]. Antes

[16] Ver: Pedro, C., Marttila, T. & Simões, S. (2023) "Hacking the Good Life. João de Barros and the Game of Moral Virtues". *The Digital Review*, (3). https://doi.org/10.7273/zyyq-xs17.
[17] Como primeira referência, ver: Anselmo, A. (1992). 0 Livreiro Luis Rodrigues. *Cadernos BAD*, (1). https://doi.org/10.48798/cadernosbad.2304.
[18] Dos 10 anos em existem registos de impressos de Luís Rodrigues (de 1539 a 1549), estão 42 exemplares digitalizados, acessíveis no catálogo da BNP. Desses, 6 impressos em 1539

e depois de Luís Rodrigues, foi Germão Galhardo o impressor de João de Barros (*Crónica do Imperador Clarimundo* (1522), *Ropicapnefma* (1532) e as *Décadas I* e *II* (1552 e 1553)) e, depois, João de Barreira (segunda edição da *Crónica do Imperador Clarimundo* (1555), as *Décadas III* e a segunda edição do *Diálogo em modo de jogo*, ambos de 1563).

A portada da *Gramática* (e do *Diálogo da Viciosa Vergonha*) voltará a ser usada em 1552, em Lisboa, na *Grammaticae introductions breviores et lucidiores* de Jerónimo Cardoso, e os tipos do *Diálogo da Viciosa Vergonha* são usados, por exemplo, em André de Resende, *De verborum coniugatione commentarius* (Lisboa: Luís Rodrigues, 1540), e em Jorge Coelho, *De patientia christiana, liber unus. Item nonnulla alia quae in fine videbis* ([Lisboa]: Luís Rodrigues, 1540). Os tipos e outros materiais tipográficos comprados em Paris[19], alguns pertencentes à família de Geoffroy Tory (como as cercaduras da *Gramática* e do *Diálogo*), permitiram que Luís Rodrigues levasse a cabo muitos projectos de impressão logo desde o início do seu estabelecimento em Lisboa, fazendo transparecer uma espécie de imagem de marca[20].

Como já referido, João de Barros não conseguiu controlar a impressão dos seus livros da forma que gostaria. Luís Rodrigues, movido pelo lucro mais certo, tomou a liberdade de imprimir os livros separadamente, em vez de em volume único, como sugeria o índice e era intento do autor, levando-o a informar os leitores desta discrepância de objectivos. Sendo o primeiro de 20 de Dezembro de 1539 e o terceiro de 12 de Janeiro de 1540, supomos que o segundo, a *Gramática*, terá saído nesse intervalo; já para o *Diálogo de preceitos morais*, não podemos adiantar uma data concreta.

e 10 impressos em 1540. Na *Bibliografia das obras Impressas no séc. XVI da BNP*, de 1926, figuram 5 edições de 1539 e 12 de 1540 (há 12 presentes em ambos os catálogos, logo seriam pelo menos 21 obras entre 1539 e 1540).

[19] Para mais informações sobre Luís Rodrigues, por favor consultar: Artur Anselmo, O Livreiro Luís Rodrigues, impressor de textos humanistas. *Actas do Congresso Internacional Humanismo Português na Epoca dos Descobrimentos* (Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993), pp. 369–372; Albino Forjaz de Sampaio, A Tipografia portuguesa no século XVI (Lisbon: Empresa Nacional de Publicidade, 1932); ou Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*.

[20] Em Francisco Álvares, *Ho Preste Joam das Indias. Verdadera informaçam das terras do preste Joam, agora novamente impressa.* (Luís Rodrigues, 1540, Lisboa): «E como eu senhor sempre des que sam seu foy meu desejo endereçado a seu seruiço pera com elle trazer algum fruto:posto que me faltem has forças nam me falta vontade, com ha qual fui a Paris buscar estampas caratules de letras, officiaes e outras cousas conuenientes a impressam, has quaes nom sam de menos primor e calidade, que has de Itália, França, e Alemanha onde esta arte mais Florece […]».

1º de 3	2º de 3	3º de 3	4º
Grammatica da lingua com os mandamentos da santa mádre igreja	*Grammatica da lingua portuguesa com as regras que se á de escrever* + *Um diálogo em louvor da nóssa linguágem*	*Hum diálogo da viciósa vergonha*	*Diálogo de preceitos moráes com prática delles, em modo de iogo*
A Louvor de Deos e da Virgem Maria, acábasse a Cartinha com os preceitos e mandamentos da santa mádre igreja, e com os mistérios da missa e responsoreos della, empremida em a muy nóbre e sempre leál cidáde de Lizboa / per autoridáde da santa inquisiçam em cása de Luis rodriguez livreiro delrey nósso senhor, com privilegio real aos **.xx. de Dezembro de 1539** annos.	*Frontespício:* Olyssipon. Apud Lodovicum Rotorigium Typographum. **M. D. XL**.	A louvor de deos e da virgem Maria. Acábasse o Diálogo da viçiosa vergonha, Imprimidoem cása de Luys Rodriguez livreiro delRey nósso senhor com privilegio Reál. Aos **.xii. de Ianeiro de M. D. XL**.	*Frontespício:* Em Lisboa. Per Luís Rodriguez, livreiro delrey nósso senhor. **M. D. XL**.

Tabela 1. Os quatro livros (título e colofão), por ordem de impressão.

Este último diálogo voltaria a ser impresso em 1563 por João de Barreira[21], com a mesma portada (com um título ligeiramente diferente) e as mesmas gravuras, mudando o tipo usado no texto, de itálico para romano/redondo. Já noutra ocasião, procurámos avançar algumas considerações sobre a passagem de materiais da oficina de Luís Rodrigues para a posse de João Álvares e de João de Barreira, que terá ocorrido no final da década de 1540[22].

A biblioteca de João de Barros

Não sabemos quantos livros João de Barros possuía, nem quais; mas podemos especular. Este artigo é uma primeira aproximação ao estudo das bibliotecas privadas – a deste autor em particular, e a diferentes formas de investigar colecções que não estão inventariadas. Este conjunto de quatro livros, e particularmente o *Diálogo da viciosa vergonha,* merecem aqui especial atenção, não só porque reflectem um esforço intelectual comum entre vários autores pré-modernos de tradução e colecção de obras clássicas e medievais[23] sobre gramática (com vista à normatividade das línguas vernaculares) e sobre a moral e as virtudes, como também porque no *Diálogo da viciosa vergonha* encontramos muitas citações bibliográficas, fazendo desta obra uma interessante base para especular sobre a biblioteca privada de João de Barros. Que obras preencheriam as estantes deste autor?

Tendo vivido na corte desde criança e sendo companheiro próximo do futuro rei D. João III, João de Barros terá ouvido as lições dos

[21] João de Barros. *Dialogo de Ioam de Barros com dous filhos seus sobre preceptos moraes em modo de jogo*. Em Lisboa, ao Arco de Sam Mamede, por Ioam de Barreira, 20 Agosto 1563. [26]; 4o (21 cm).

[22] Ver: Pedro, C., (2021). A Sixteenth-Century Board Game by João de Barros. In Wilkinson, S. (Ed.) *Illustration and Ornamentation in the Iberian Book World, 1450-1800*, Library of the Written Word. Brill, pp. 284–314. https://doi.org/10.1163/9789004447141_015

[23] O interesse pelo tema da educação (cultural e moral), que inclui a educação dos príncipes e membros da corte, mistura-se com o interesse pela língua vernacular nos círculos humanistas a que João de Barros pertence. Diz-nos Reis que: «[…] Duarte de Resende propõe, "por andar errada e dissimulada", que as relações entre os cortesãos emulem os ensinamentos do *Tratado da Amizade*; ou também que se maravilhem e aprendam com as sentenças estóicas das *Paradoxas* e que abandonem a glória mundana em favor da felicidade celeste preconizada no *Sonho de Cipião*»; na mesma instância, Duarte de Resende diz de Garcia de Resende «[…] que vossa merce he o verdadeyro exame de nossa lingoagẽ Portuguesa segundo per o que falloa e pelas obras que escreue e cõpoẽ se vee». Ver: Reis, Flávio. (2014). A "Carta sua a Garcia de Resende" publicada por Duarte de Resende junto a traduções de textos ciceronianos: autoridade retórica ciceroniana e modelos éticos para a corte. *Floema* - Ano VIII, *10*, 141-142.

preceptores do príncipe, como, entre outros, D. Diogo Ortiz de Villegas, versado em astronomia e navegação, e autor do *Cathecismo Pequeno da doctrina e instruiçam* (…), um tratado de paixões e virtudes impresso em 1504. Terá tido também acesso à livraria real[24], pelo menos até casar e se estabelecer em duas moradas: a familiar (em Santiago de Litém, Pombal) e a profissional (na baixa de Lisboa).

O termo usado na altura era «livraria», e parece-me que no caso de João de Barros, era também o seu espaço íntimo de trabalho, para além de ser o cenário para os seus diálogos. É no *Diálogo da Viciosa Vergonha* que encontramos uma primeira e preciosa pista para imaginar como seria este espaço e a utilidade que dele faziam os seus filhos:

> [Pai] Vem cá, António: Vai à minha livraria, e traz uns cadernos número quinze, que estão na estante segunda na parte número seis. (Filho) São uns cadernos da gramática da língua Portuguesa, que compôs para o príncipe nosso senhor? (Pai) Esses são os que peço. (Filho) Lá ficam outros cadernos número dezasseis, e diz a cota, Tratado de Causas. São também aqueles de matéria da gramática? (Pai) Não, esse é um tratado dirigido a ti, o qual vou compondo pelo discurso dos tempos. (Filho) Que quer o senhor dizer, de causas: porque ainda não ouvi tal título? (Pai) Não ouviste tu já falar nos problemas de Aristóteles? (Filho) Sim. (Pai) Pois esses de causas tratam. (Filho) Logo tratado será de filosofia natural? Porque meu mestre tem uns problemas, e diz ele que são questões de filosofia.[25]

Numa interessante descrição do ambiente físico da sua biblioteca[26], João de Barros refere que esta está dividida em partes (armários?), com prateleiras, onde as obras estão guardadas em cadernos, marcados com cotas e títulos: parte 6, prateleira 2, caderno número 15, sendo que nos diz ainda que o caderno número 16 foi (estava a ser) escrito pelo próprio,

[24] Para mais informações, ver: Buescu, Ana Isabel. (2007). Livros e livrarias de reis e de príncipes entre os séculos XV e XVI. Algumas notas. *eHumanista*: Volume 8; e Pereira, B. F. (2008). Livros raros e raras edições de clássicos greco-latinos. *Mediaevalia. Textos e estudos*, *27*, 159-172: «O interesse de D. Leonor pelos livros está bem documentado; pelo inventário dos volumes que legou ao Mosteiro da Madre de Deus, sabe-se que na livraria da rainha velha prevaleciam as obras de devoção e teologia, no entanto, havia aí também duas dezenas de títulos de literatura profana, alguns escritores antigos e meia dúzia de autores dos sécs. XV e XVI. No tempo de D. Manuel, na livraria real, os clássicos e os Padres da Igreja ganharão mais relevo: Tito Lívio, Salústio, Virgílio, Ovídio, Plutarco, Flávio Josefo, Justino, São João Clímaco, São Gregório Magno, São Jerónimo, Santo Agostinho.» Nas obras de João de Barros, como veremos, muitos destes autores são citados explicitamente.

[25] João de Barros, *Hum diálogo da viciósa vergonha*, pág. 3. (sublinhado da autora).

[26] Salvaguardando o facto de que o diálogo entre pai e filho é ficção e poderá não corresponder necessariamente à realidade.

e que é sobre as *causas* ou *problemas* de Aristóteles. Haveria, portanto, pelo menos 6 armários, com várias prateleiras, e nessas prateleiras estão também os projectos literários a que o autor se vai dedicando no «discurso do tempo»: os seus cadernos.

Com esta imagem na memória, apresenta-se agora, em primeiro lugar, um breve levantamento de testemunhos por João de Barros e pelos seus contemporâneos, nomeadamente em cartas pessoais, prefácios e dedicatórias publicadas; e, em seguida, uma lista dos autores citados por João de Barros no *Diálogo da viciosa vergonha* (indício de disponibilidade dos textos/obras, mesmo que não sendo propriedade sua ou que sejam referências em segunda mão). Na conclusão, também serão reunidos testemunhos extraídos de outros livros deste conjunto didáctico.

a) De entre as relações de João de Barros, há um número de nomes que lhe aparecem frequentemente associados: falamos de Duarte de Resende (latinista e geógrafo), Damião de Góis (historiador e diplomata), António Luís (médico e professor) e Aquiles Estaço (filólogo), especialmente, mas entre outros. Não só partilham o mesmo espaço social (a corte régia), como também o intelectual. Legitimando-se mutuamente e publicamente, seguem um modelo humanista de circulação do conhecimento, nomeadamente através do empréstimo e da importação de livros, de traduções e de revisões por pares[27]. Vejamos alguns exemplos: de António Luís, diz Andrade[28] que,

> …o seu primeiro livro (*Enchiridion*, 1537) foi dado à estampa em Antuérpia [por Miguel Hillen], contendo versões latinas de textos gregos de Miguel Pselo, Teles e Sótades, acompanhadas de um ensaio intitulado *De pudore*. A composição desta obra, conforme se retira da carta dedicatória a João de Barros, resultou de um pedido do feitor da Casa da Índia ao autor, para que este reunisse um conjunto de lugares-comuns sobre o tema da vergonha nas literaturas clássicas, que haveriam de servir de inspiração para a redação do *Diálogo da viciosa vergonha* (1540).[29]

[27] Reis (2014, 145): «A amizade de Duarte de Resende com letrados como João de Barros e este com Juan Luis Vives e Damião de Góis permite conceber um círculo de letrados consideravelmente educados na língua latina e conhecedores das diversas obras antigas então divulgadas.»

[28] Andrade, A., (s.d.), *António Luís*. https://doi.org/10.58277/PSLB7742. As obras de António Luís foram impressas em Portugal por Luís Rodrigues «entre 1539 e 1540, destacando-se três livros de temática filosófica e médica (*Problematum libri quinque, De occultis proprietatibus e De re medica opera*), a que acresce a oração panegírica a D. João III (*Panagyrica oratio*). É de notar a publicação da segunda edição do *De pudore*, juntamente com *De occultis proprietatibus*.» Esta informação poderá delimitar o tempo de composição do Diálogo à segunda metade da década de 30.

[29] *De occultis proprietatibus* (Lisboa, 1540): f. 59v, no 1º parágrafo da dedicatória/epístula que

E ainda:

> Os diversos textos prefaciais com que António Luís consagrou as suas principais obras a João de Barros manifestam, de forma inequívoca, o alto apreço e o enorme respeito existentes entre ambos. O próprio João de Barros pôs à disposição de António Luís o códice que possuía dos *Comentários a Isaías* de S. Cirilo de Alexandria, para que o amigo o pudesse verter de grego para latim, tal como se depreende da dedicatória que precede a versão do médico lisboeta, realizada provavelmente após a publicação da primeira Década da Ásia (1552).[30]

De Damião de Góis temos, por exemplo, outro tipo de testemunho: uma dedicatória autografada, sendo possível concluir que também esta obra estaria nas estantes de João de Barros, ou que, pelo menos, seria esse o seu destino final.

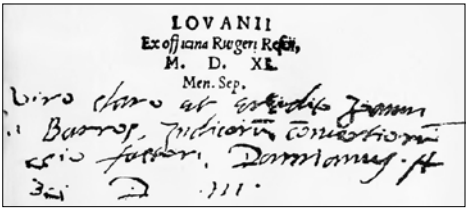

LOVANII
Ex officina Rvvgeri Rescii,
M. D. XL.
Men. Sep.

Figura 4. Dedicatória autógrafa de Damião de Góis a João de Barros, na primeira edição da obra *Fides, religio, moresque Aethiopum sub Imperio Preciosi Joannis* (1540, em Lovaina),[31] exemplar pertencente à Biblioteca Manizola[32] do Visconde da Esperança.

antecede o *De pudore*: «Nos últimos dias, ó Senhor, tu me ordenaste que resumisse para ti, em breve sintaxe, todos os exemplos ou aforismos que encontrei em escritores antigos sobre modéstia, impudência, verdade e mentira. Empreendi esta tarefa de bom grado, tanto porque não podes ordenar nada que me seja lícito recusar, como também porque algo precisava ser dito sobre a moral, assunto no qual, como num prazeroso passatempo, a minha mente se deleitou em mergulhar.» (tradução de latim para português e sublinhado da autora).

[30] Andrade, A., (s.d.), *António Luís*. https://doi.org/10.58277/PSLB7742. (sublinhado da autora). Podemos então, com alguma segurança, acrescentar também esta edição em grego à lista de obras da sua biblioteca.

[31] Exemplar da biblioteca do Visconde da Esperança (Cuba, Portugal), imagem retirada de: https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/damiao-de-gois-um-humanista-na-torre-do-tombo/

[32] https://purl.sgmf.gov.pt/320083/1/320083_item1/index.html : «Aquisição pelo Estado, aos herdeiros do visconde da Esperança, e cessão, com distribuição das colecções da Biblioteca da Manizola, à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. A Biblioteca da Manizola foi legada em testamento por José Bernardo de Barahona Fragoso, visconde da Esperança, erudito bibliófilo falecido a 11 de Março de 1925.»

E, da dedicatória impressa na *Ropicapnefma*, de 1532, podemos extrair também a referência ao *De Officiis* de Cícero (citado no *Diálogo da viciosa vergonha*), e saber um pouco sobre a vida que os livros levavam por estes tempos:

> Joam de Barros: ao senhor Duarte de Resende paz e saude envia.
> Estes dias passados lhe mandey pedir por merçe, que se ao sair do rebate de Lixbõa (onde me eu nã achei pera me prover) viera em sua companhia o meu Tullio de Officiis, ou qualquer outro seu livro, me socorrese com elle em este hermo: onde peste, tremores de terra, e grandes invernadas, me tinham çercado cõ enfadameto. E elle em logar de socorro pos me em mayor neçessidade, pedindo me que lhe ajudasse cõ mais achegas, pera hua obra que tomara de empreitada: que era tirar do meu Tullio Amicicia e Paradoxas em nossa linguagem, por ter em essa çidade de Coimbra Germã imprenssor tam vezinho, que por honrra das letras o queria occupar: E que pois a tomar este trabalho, ja lhe dera azo* com o meu Tullio, que lhe acudisse cõ algua minha linguage: ca de sua casa nã esperava poer mais custo que as mãos.
> A obra eu lhe cõfesso ser bõa, pois ée occupaçam de louvor vosso: mas milhor ée pera Germã que pera mỹ: porque a elle dais lhe proveito em seu offíçio, e a mỹ pedis me o vosso natural, cousa pera eu muito reçear e a ella nam vos obedeçer, dado que digaes quam bem vos pareçeo o meu Clarimudo quando foy ter com vosco em Maluco.[33]

A atenção dada por João de Barros à educação das crianças inclui aquelas de fora do Reino, e inclui a consideração de que a língua portuguesa deve ser aprendida antes do latim[34]. A *Cartinha* foi usada como manual de aprender a ler e a escrever nos primeiros colégios do Brasil, por exemplo, e o facto de ser acoplada aos *Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja* faz dela um instrumento de evangelização e difusão católica, como outras daquele tempo[35]:

[33] Dedicatória de João de Barros a Duarte de Resende, *Ropicapnefma*, 1532, nos fólios 1r e 1v. (sublinhado da autora).
[34] João de Barros, *Cartinha*. F. 2v.: «Qual será logo a linguagem que, nesta tenra e delicada idade de vossa alteza, a mais natural e obediente vos deve ser, senão a vossa portuguesa [...]».
[35] Ver: Araujo, Gabriel Antunes de. (2008). *Cartinha com os preceitos e mandamentos da santa madre igreja, 1539 ou Gramática da Língua Portuguesa. Edição crítica, Leitura modernizada e Reprodução fac-similar*. São Paulo: Paulista Editora: «No mundo português do século XVI a expansão do império lusitano acarretou também a expansão da língua portuguesa. Por sua vez, a expansão da língua portuguesa escrita não se limitou ao ultramar e teve, como instrumentos pedagógicos, por um lado, as cartilhas para aprender

> (Pai) Certo é que não há aí glória que se possa comparar a quando os meninos Etíopas, Persianos, indos dá quem e dalém do Gange, em suas próprias terras, na força de seus templos e pagodes, onde nunca se ouviu o nome romano: por esta nossa arte aprenderem a nossa linguagem, com que possam ser doutrinados em os preceitos da nossa fé, que nela vão escritos.[36]

Também os dicionários e gramáticas de Jerónimo Cardoso, por exemplo, foram viajantes nas naus portuguesas, e falta um levantamento dos exemplares que cruzaram os mares nos séculos XV e XVI, pelo menos no que a cartinhas, dicionários e gramáticas vernaculares e latinas diz respeito:

> […] por esta altura, a armada da Índia já quase tinha sido construída e tinha começado a ser preparada para a viagem, considerei que ele te devia ter dedicado, em primeiro lugar (…) O livrinho, no entanto, é enviado contra a sua vontade. Realmente, ele treme de pavor com a ideia de ter de passar o mar extenso, agitado e tempestuoso, e um tão grande número de ilhas e o cabo da Boa Esperança treme de pavor, e também por há-de chegar a esta região, onde são bem ouvidos o clamor dos inimigos, o estrépito dos combates, à semelhança de uma trovoada, muitas mais vezes do que os professores das escolas ou os aplausos das assembleias.[37]

b) No *Diálogo da Viciosa Vergonha*, João de Barros recorre a citações marginais para indicar a proveniência dos conceitos e exemplos a que se refere ao longo do texto para sustentar o seu argumento: com 83 entradas, a Bíblia, representada numa grande variedade de livros dos Antigo e Novo Testamentos; depois, de entre um total de 49 citações tiradas de 39 obras diferentes: Aristóteles, Séneca, Ovídio, Cícero e Petrarca são os mais citados.

---

a ler e, por outro, as gramáticas e ortografias, entre elas, as de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540), a de Gândavo (1574) e a de Nunes de Lião (1576).»

[36] Em: João de Barros, *Diálogoe m defesa da nossa linguagem, (Grammatica da lingua portuguesa),* pag. 58. (transcrição modernizada e sublinhado da autora).

[37] Em: Jerónimo Cardoso, *De monetis* (princeps 1561), in *Dictionarium latino lusitanicum,* (1569), traduzido do latim por Reis, Telmo. (2009). *Obra Literária - Tomo II: poesia latina (Portugaliae Monumenta Neolatina).*

VICIOSA VERGONHA				OBRAS
AMBRÓSIO	Lib.i.deoffi.cap. xvii	p. 9		[De officiis ministro-rum]
AMBRÓSIO	In epistola ad Simplicia	p. 46		[Epistulae ad Simpli-cianum]
APULEIO	De magia lib.i	p. 16		[Apologia sive Pro se de magia liber]
ARISTOTELES	Lib.ii.rethorico-rum	p. 5		[De rheto-rica]
ARISTOTELES	Aris.in.ii.topico. ca.xxi	p.5		[Topica - Organon]
ARISTOTELES	Lib.iiii.Ethico.	p. 8		[Ethica]
ARISTOTELES	Lib.iiii.Ethico.	p. 9		[Ethica]
ARISTOTELES	Arist.i.Ethi.cap.xvi	p. 14		[Ethica]
ARISTOTELES	lib.i.predicamen-torum	p. 15		[Liber Praedica-mentorum - Organon]
ARISTOTELES	Arist.li.i.de gen-eratione.	p. 18		[De gene-ratione]
ARISTOTELES	Aristote.iii.Ethico.	p. 20		[Ethica]
ARISTOTELES	Arist.primo.poste-riorum	p. 46		[Analytica Posteriora ? - Organon]
BERNARDO	super cantica sermone lxxxvii	p. 10		[Sermo-nes super cantica can-ticorum]
BERNARDO	super cantica	p. 53		[Sermo-nes super cantica can-ticorum]
Biblia	Exodi.xii.c	p. 5	AT	Êxodo
Biblia	Gene.iii.ca	p. 6	AT	Genesis
Biblia	Isa.xxxviii	p. 6	AT	Isaías
Biblia	Reg.xxiiii	p. 6	AT	Reis
Biblia	Luc.vii.ca	p. 6	NT	Lucas
Biblia	Luc.xxii.c	p. 6	NT	Lucas
Biblia	Mat.xxvii	p. 6	NT	Mateus
Biblia	Luc.i.capi.	p. 6	NT	Lucas
Biblia	Genesis.ix.cap.	p. 7	AT	Genesis
Biblia	Danie.xiii.cap.	p. 7	AT	Daniel

Biblia	Luce.ix.ca	p. 11	NT	Lucas
Biblia	Ecclesiastes.i.capi.	p. 12	AT	Eclesiastes
Biblia	Mathei.cap.xviii	p. 15	NT	Mateus
Biblia	Epi.lxxvii	p. 16	NT	Epístolas
Biblia	i.ad Corin.capite. xv	p. 17	NT	Coríntios
Biblia	Matth.x.ca.	p. 17	NT	Mateus
Biblia	Psalmus.ciii	p. 22	AT	Salmos
Biblia	Paulus i.ad Corint.cap.xv.	p. 24	NT	Coríntios
Biblia	Ad Titum.i.c	p. 24	NT	Titus
Biblia	Actu.apost.xvii. cap.	p. 24	NT	Actos dos Apóstulos
Biblia	Ad Roma.ix.cap.	p. 25	NT	Romanos
Biblia	Ad Romanos. ii.cap	p. 25	NT	Romanos
Biblia	Math.x.c.	p. 25	NT	Mateus
Biblia	Deutero.vi.&.xi. capi	p. 27	AT	Deuteronómio
Biblia	Mathei.x.c	p. 28	NT	Mateus
Biblia	Mat.xix.c.	p. 28	NT	Mateus
Biblia	Ad Epheseos. vi.cap.	p. 28	NT	Efésios
Biblia	Psal.xvii.	p. 28	AT	Salmos
Biblia	Ioam.xxi.c.	p. 29	NT	João
Biblia	Luc.viii.c.	p. 29	NT	Lucas
Biblia	Luc.xix.c.	p. 29	NT	Lucas
Biblia	Luc.xxi.c.	p. 29	NT	Lucas
Biblia	Exo.xxvi.i.	p. 29	AT	Êxodo
Biblia	i.ad Corint.xiii. cap	p. 36	NT	Coríntios
Biblia	Reg.iii.xx.cap.	p. 36	AT	Reis
Biblia	Reg.iiii.xx.cap.	p. 36	AT	Reis
Biblia	Ioan.xiii.ca.	p. 37	NT	João
Biblia	Ecclesiastes	p. 38	AT	Eclesiastes
Biblia	iii.Reg.xi.Iudi-cum.xv	p. 38	AT	Reis
Biblia	Matth.xiii	p. 38	NT	Mateus
Biblia	Ioan.xix.ca	p. 38	NT	João
Biblia	Gene.iii.ca.	p. 38	AT	Genesis
Biblia	Ad Coll.iii.capi.	p. 40	NT	Colossenses
Biblia	Ad Ephe.vi	p. 41	NT	Efésios
Biblia	Epist.i.ca.i.	p. 41	NT	Epistolas
Biblia	i.ad.Timot.capi.i	p. 41	NT	Timóteo
Biblia	Prover.xix.	p. 41	AT	Provérbios
Biblia	Luc.iii.cap.	p. 42	NT	Lucas

Biblia	Prover.i.cap.	p. 45	AT	Provérbios
Biblia	Math.x.cap.	p. 46	NT	Mateus
Biblia	Mat.vii.ca.	p. 49	NT	Mateus
Biblia	Mat.v.ca.	p. 49	NT	Mateus
Biblia	Ecclesiast.vi	p. 50	AT	Eclesiastes
Biblia	Luc.vi.cap.	p. 50	NT	Lucas
Biblia	Lucc.cap.vi.F	p. 51	NT	Lucas
Biblia	Ioannis.i.cap.iiii.	p. 51	NT	João
Biblia	Math.xxii.cap.	p. 51	NT	Mateus
Biblia	Mat.xii.cap.	p. 52	NT	Mateus
Biblia	Ad Tessalo.iii.capi.	p. 53	NT	Tessalonissences
Biblia	Ad Co.i.c.iii	p. 53	NT	Coríntios
Biblia	Ad Tomoth. ii.cap.ii	p. 53	NT	Timóteo
Biblia	Mar.vi.ca.	p. 54	NT	Marcos
Biblia	Luc.xxiiii.c	p. 54	NT	Lucas
Biblia	Psal.cxv & xiii.ca.	p. 54	AT	Salmos
Biblia	Mat.vi.cap	p. 54	NT	Mateus
Biblia	Luc.x.cap.	p. 55	NT	Lucas
Biblia	Ad Romanos. viii.ca	p. 55	NT	Romanos
Biblia	Esai.vi.cap.	p. 55	AT	Esaías
Biblia	Pro.xviii.c.	p. 56	AT	Provérbios
Biblia	Deu.xvii.c.	p. 56	AT	Deuteronómio
Biblia	Deu.i.c.	p. 56	AT	Deuteronómio
Biblia	Mat.xx.c.	p. 56	NT	Mateus
Biblia	Levi.xix.c.	p. 56	AT	Levítico
Biblia	Deu.vi.c.	p. 56	AT	Deuteronómio
Biblia	Mat.vi.ca.	p. 57	NT	Mateus
Biblia	Prov.xx.c.	p. 57	AT	Provérbios
Biblia	Pro.xxiiii.x.	p. 57	AT	Provérbios
Biblia	Ose.vi.ca.	p. 57	AT	Oseias
Biblia	Esai.i.ca.c.	p. 57	AT	Esaías
Biblia	Ad Ga.vi.c.	p. 57	NT	Galatas
Biblia	Lucc.iiii.c.	p. 57	NT	Lucas
Biblia	Mat.vii.ca.	p. 57	NT	Mateus
Biblia	i.ad Cor.ii.c.	p. 58	NT	Coríntios
CATÃO	Apophthematibus	p. 9		Apoph-tegmata - Plutarco e Erasmo (Dísticos?)

CRISÓSTOMO	super Matth	p. 52		Homilias sobre o Evangelho de São Mateus
EURIPEDES	Medea	p. 9		[Medea]
GREGÓRIO	Greg.super Ezechielem ho.x	p. 10		[Homiliae super Ezechielem]
HIERONIMUS	Pammachium	p. 10		[Ad Pammachium]
HIERONIMUS	Super Esaiam	p. 46		[Commentariorum in Esaiam libri XVIII]
HORÁCIO	Hor.ad Torcatum.	p. 22		Epístola 1.5 - Si potes Archiis...
JUSTINO	Iusti.lib.iii	p. 43		Liber Historiarum Philippicarum
JUSTINO	Iustin.lib.ix.	p. 44		Liber Historiarum Philippicarum
JUVENAL	Satyra.iii	p. 18		[Satyrae]
JUVENAL	Saty.viii	p. 40		[Satyrae]
OVÍDIO	Ovidi.deponto. lib.iii	p. 35		[Epistulae ex Ponto]
OVÍDIO	Ovid.i.Met.	p. 40		[Metamorphoses]
OVÍDIO	Ovidi.ii.de remedio amoris	p. 44		[Remedia amoris]
PLATÃO	Dialogo de temperantia	p. 8		[Charmides]
PLAUTO	Plaut.in.Daechide	p. 9		Bacchides
PLUTARCO	Da Viciosa Vergonha	p. 4		[De vitioso pudore/ De vitiosa verecundia - Moralia]
PLUTARCO	De viciosa verecundia	p. 19	p. 50	[De vitioso pudore/ De vitiosa verecundia - Moralia]

S. AUGUSTINHO	Super psalmum. xciii.de spiriritu&alma	p. 29		[De spiritu et anima]
S. AUGUSTINHO	Nunc.xxv.c.	p. 29		? Enarrationes in Psalmos ?
SANTO THOMÁS	S.Tho.ii.ii.q.c.vi. ar.ii	p. 5		[Summa Theologiae ?]
SÉNECA	Epistola xxv	p. 8		[Epistulae morales ad Lucilium]
SÉNECA	Apophematibus	p. 8		[Apophthegmata]
SÉNECA	Ad Lucilium Epistola.ii.	p. 20		[Epistulae morales ad Lucilium]
PSEUDO-SENECA	Se demorib.	p. 22	p. 23	[De moribus]
SÉNECA	Se.in puerb.	p. 22		[De Ira]
SÉNECA	Idem ad Lucil	p. 22		[Epistulae morales ad Lucilium]
SÉNECA	Tragedia.iii	p. 41		[Tragedia - qual?]
SOCRATES	Diálogo de Platam	p. 8		[Dialogi Socratici ?]
TERENTIUS	Eunucho	p. 13		[Eunuchus]
TULLIO (CICERO)	Lib.i.deoffi	p. 5		[De officiis]
TULLIO	Tusc.i.deof.	p. 12		[De officiis]
VIRGÍLIO	Verg.in.iiii	p. 9		??

Tabela 2. Todas as obras referenciadas no *Diálogo da Viciosa Vergonha*, em ordem alfabética. Na segunda coluna, figuram as formas abreviadas usadas por João de Barros; na quarta, uma possível identificação.

Um dos textos mais citados no *Diálogo da Viciosa Vergonha* são as *Epístolas morais* de Séneca; que foram, por exemplo, editadas também por Erasmo. E, a par do *de Officiis* de Cícero, também encontramos a versão de Santo Ambrósio, o *de Officiis Ministrorum*. Da mesma forma, Aristóteles (o mais citado) é acompanhado por São Tomás na definição da «vergonha»: salta à vista o equilíbrio de citações (e de confronto de perspectivas) entre fontes cristãs e profanas, a Bíblia, os Pais da Igreja e os Filósofos gregos e latinos.

Conclusão

Se tomássemos a lista de citações apresentada aqui como verdadeira representação de tudo o que João de Barros leu (e/ou possuiu), veríamos que uma variedade tão grande de obras e escritores (ainda mais se incluís-

-semos as que encontramos nos outros três livros didáticos) tornaria a biblioteca de João de Barros num exemplar de extraordinário relevo[38]. Infelizmente, estamos longe de o poder afirmar com base apenas na informação recolhida neste pequeno estudo introdutório. Falta, por exemplo, verificar as citações ao pormenor, comparando-as com edições contemporâneas às quais João de Barros poderia ter tido acesso, não só através da corte e dos seus amigos, como também do mercado livreiro.

Plutarco e Aristóteles são, respectivamente, as figuras centrais no *Diálogo da Viciosa Vergonha* e no *Diálogo de preceitos morais*, livros que exploram a moralidade e a reconciliação entre as culturas clássica e medieval[39]. Possivelmente, João de Barros terá tido acesso à ***Ética*** editada por Jacques Lefèvre d'Étaples[40], já que o referencia no *Diálogo em modo de jogo,* e conheceria as obras de Erasmo, como as suas traduções das ***Moralia*** de Plutarco, nomeadamente através de Damião de Góis, que, por essa década, estava em contacto muito próximo com o humanista, ou através de António Luís, quando este fizera uma procura por esses temas para o amigo. Isso vemos na lista de citações bibliográficas, onde aparece o ***De vitiosa verecundia***, e no próprio texto do *Diálogo* de João de Barros:

> (Filho) O outro dia estáua meu mçstre lendo hum tratado de Plutárcho, cuio titulo também era, da uiçiósa uergonha. (Pai) Muitos autores trataram de hua materia, mas o modo e caminho q cada hû leuou, fez a uariaçã de quãtos tratados uemos.[41]

Avançámos também quatro exemplos de obras que terão feito parte da biblioteca de João de Barros através de testemunhos de diferen-

38 Ver: Buescu, A. I. (2007). Livros e livrarias de reis e de príncipes entre os séculos XV e XVI. Algumas notas. *eHumanista*: V. 8, 143-170: «No início do século XVI, a livraria da Universidade continha cerca de 120 livros. Constituindo seguramente um caso excepcional à época (e não só para o caso português) é de destacar a livraria de D. Teodósio, duque de Bragança, falecido em 1563, que continha o extraordinário número de 1596 livros».

39 Diz-nos Pina Martins que «Na *Ropica Pnefma* de João de Barros (1532), insinua-se a influência não só do ideário erasmiano, mas ainda de certas correntes culturais italianas, nomeadamente, talvez, do platonismo ficiniano e do aristotelismo averroísta.» Ver: Pina Martins, J. V., (2000). Renascimento. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. P-V, pp.125-130.

40 J. Lefèvre d'Étaples. *Artificialis introductio per modum epitomatis in decem libros Ethicorum Iacobi Fabri Stapulensis*. Veneza, 1506.

41 In *Diálogo da viciosa vergonha*. Ainda que António refira o «seu mestre», João de Barros claramente conheceria a obra intimamente, ver: Osório, J. A. (2001). Plutarco revisitado por João de Barros. Ágora. Estudos clássicos em debate, (3), pp. 139-155. (sublinhado da autora).

tes natureza: prefácios, dedicatórias, cartas impressas, e autógrafos: um manuscrito dos ***Comentários a Isaías*** de S. Cirilo de Alexandria, o ***Fides, religio, moresque Aethiopum sub Imperio Preciosi Joannis*** de 1540 de Damião de Góis, um ***de Officiis, Amicicia*** e ***Paradoxas*** de Túlio Cícero[42] e, presumivelmente, o ***Enchiridion*** de 1537 de António Luís. Este levantamento serve já de porta de entrada para a importância de reler também os paratextos das obras publicadas pelos contemporâneos de João de Barros, nomeadamente dentro do seu círculo social e pessoal.

De acrescentar ainda, duas obras presentes no *Diálogo de preceitos morais*: uma referida pelo interlocutor António (filho de João de Barros), a ***Tabula Cebetis***, «[…] por que depois que no grego lij aquela fiçã, assi me ficáram na memória as imagees»[43] – teria João de Barros uma cópia da edição da *Táboa de Cebes* impressa por Aldus Manuzio no virar do século, onde o texto figura com a gramática elementar grega de Constantino Láscaris, *Erotemata,* também ela em diálogo?; e, não citada, mas claramente usada no *Diálogo de preceitos morais* e presente na lista de obras do *Diálogo da viciosa vergonha* sob o nome de *Apophthematibus*, uma edição dos ***Dísticos*** de Catão, possivelmente também a de Erasmo[44].

Na *Cartinha* e na *Gramática*, por contraste, praticamente não cita autores ou obras, refere-se aos gramáticos latinos e gregos (mas também arábigos e hebreus), historiadores e etimólogos como fontes genéricas de autoridade. Na parte dedicada à ortografia, menciona um rol de gramáticos, para dizer que o seu trabalho é diferente do deles: Tortélio, Messala, Quintiliano, Gélio, Vitorino, Sérvio e Prisciano[45]. No *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, João de Barros cita Vitrúvio (*Arquitectura*), Horácio (*Arte Poética*), Ovídeo (*Metamorfoses*) e Virgílio (*Eneida*). De resto, refere no texto Heródoto, Justino, Catão, Petrarca, Túlio e Varro, César e até Carlos Magno, mas sem citar obras ou passagens particulares. Já no *Diálogo de Preceitos Morais*, são mencionados, logo na introdução, os autores Esopo, Horácio, Apuleio, Xenofonte, Cebetes, Platão e Galeno, mas não há citações marginais ao longo do texto.

Embora a composição da sua biblioteca permaneça, por agora, por definir, a diversidade e volume de obras citadas por João de Barros,

[42] Nos séculos XV e XVI era frequente encontrar estas três obras juntas, manuscritas ou impressas.

[43] João de Barros, *Dialogo de preceitos moraes*, f. 2.

[44] Desiderio Erasmus. *Catonis Se[n]sa & disticha cu[m] scholiis Erasmicis. & Bad. Mimi Publiani & Carmina Erasmica. Isocratis Parȩnesis & Eucherii Lugdun. Ep.la de philosophia christiana p[er] Erasmu[m] illustrate.* (Paris), 1527.

[45] João de Barros, *Grammatica da língua portuguesa*, p. 40.

especialmente no *Diálogo da viciosa vergonha*, revelam que era um ávido e organizado leitor, que ao longo do programa didáctico descrito neste artigo procurou dialogar com e sobre assuntos e perspectivas que considerava fundamentais para a educação das crianças, criando ferramentas para a alfabetização, a instrução religiosa e a formação moral. Acredito que esta metodologia de levantamento e análise crítica de obras e autores citados por João de Barros, combinada com o exercício de revisitar paratextos e outros documentos de e sobre o autor, pode reverlar-se frutífera e ajudar a reconstruir, ainda que de forma especulativa, a biblioteca privada deste humanista.